

ELEMENTOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE DAS MIGRAÇÕES: Riscos e potencialidades

Alfredo J. Gonçalves

Resumo:

Gonçalves em seu ensaio busca estabelecer os elementos centrais para uma espiritualidade que contemple a vida do migrante. Para tanto, lida com quatro metáforas: casa e pátria, caminho e poço, deuses e demônios e, museu e fronteira. Busca compreender como cada uma destas imagens, tornam-se dimensões da espiritualidade e dão sentido à vida religiosa do migrante. Para dar bases a isto, lança mão de textos bíblicos, documentos recentes da Igreja, e alguns estudiosos. Dentro desta reflexão, Gonçalves traz a idéia de uma espiritualidade singular do meio migrante, especialmente, na sua busca da compreensão do sentido da mesma nas situações cotidianas e nas práticas religiosas.

Palavras-chave:

Migração; espiritualidade; Espiritualidade do migrante

Abstract:

In order to find out a spirituality that have in mind the day-by-day of the migrants, Gonçalves try to let down some basic and central elements of a such spirituality. To get this point, he deals with four metaphors: home and fatherland, the way and the well, gods and demons and, museum and border (frontier). In a second stage, Gonçalves looks for a understanding of how each one of this images became dimensions of an spirituality and give a meaning to the religious life of the migrants. Biblical texts, some new ecclesiastical documents and essays of some scholars are the ground of his analysis. Gonçalves try build up

a kind of conceptual net where one could find the original way in that the migrant deals with his spirituality and looks for a religious meaning for his daily routine in his religious practices.

Key-words:

Migration: spirituality; Migrant spirituality

INTRODUÇÃO

Entendemos por espiritualidade a atitude de deixar-se interpelar pelas interrogações do coração humano, pela rede de relações com o outro, pelos desafios da natureza e da história e pela abertura ao totalmente Outro. Não se trata de um ato isolado e pontual ou de uma dimensão particular da vida, e sim de um processo que envolve toda a pessoa e toda a sua história. Também não se trata de uma atitude passiva de parar, silenciar e contemplar, mas de um diálogo ativo comigo mesmo, com aqueles com quem convivo e trabalho e com o transcendente. Parar e silenciar é a forma de preparar o terreno. Mas este somente poderá ser fértil com um intenso trabalho de busca. Quem não sabe parar, não saberá dar passos novos. Está condenado a repetir-se ou a imitar o caminhar dos outros. Quem não sabe silenciar, não saberá dizer palavra novas. Está condenado a repetir-se ou a imitar o falar dos outros. Aqui está subentendido o perigo do ativismo e do palavrório vazio. Multiplicar atividades e multiplicar palavras, não raro, nos desvia do núcleo central e do sentido da vida. Diante de uma sociedade apelativa como a nossa, facilmente nos tornamos como latas rolando no asfalto: quanto mais vazias, mais barulhentas.

O retiro e o silêncio são o útero onde se gestam, por um lado, a palavra viva e inovadora e, por outro, a possibilidade de um caminho alternativo. Só eles serão capazes de engendrar palavras novas e passos criativos. Porém, tanto o ato de parar quanto o ato de silenciar, embora necessários, são insuficientes para o desenvolvimento da espiritualidade. Eles constituem o solo fecundo sobre o qual é preciso lançar a semente, cultivar a planta e colher o fruto. A planta da espiritualidade, a exemplo do amor e da flor, é extremamente delicada e frágil. Exige persistência, cuidados freqüentes, atenção contínua.

No caso dos migrantes e no campo da mobilidade humana em geral, podemos antecipar, desde já, que a acolhida diante do outro, do estranho e do diferente nos predispõe a uma maior abertura para um amanhã recriado e para o totalmente Outro. Deixar-se interrogar e interpelar pelo estrangeiro que bate à porta é condição prévia para penetrar e contemplar o sentido da existência humana e o mistério do transcendente na vida de cada ser vivo e na vida de todo o planeta.

Existem diferentes caminhos de espiritualidade. Quase se poderia dizer que cada cultura produz uma espécie de via espiritual, com valores, expressões e ritos diferentes. Aliás, as temáticas relacionadas à mística vêm ganhando, atualmente, amplo espaço na sociedade, na mídia e na literatura escrita. Por limitações de tempo e do autor, nestes parágrafos limitamo-nos a uma espiritualidade de fundamentação bíblica e cristã, sem desconhecer nem menosprezar os demais caminhos de busca e de salvação.

Metodologicamente, vamos refletir a partir de quatro binômios relacionados ao universo das migrações: casa e pátria, caminho e poço, deuses e demônios, museu e fronteira. Eles serão como que quatro janelas abertas, por onde faremos desfilarmos a imensa multidão dos *sem raiz, sem pátria e sem rumo*. Diante do rosto dos migrantes, tentaremos captar, pelos caminhos mais diversos, seus os temores e valores, seus sonhos e lutas, suas dores e esperanças. Como sabemos, palavras são janelas e janelas não deixam de ser palavras. Ambas, quando fechadas, encerram um mundo obscuro e desconhecido; mas quando abertas, descortinam novos universos e novos horizontes. Do ponto de vista da teologia da mobilidade humana, nossa tarefa será a de identificar por meio dessas palavras/janelas, os riscos e potencialidades de uma espiritualidade das migrações. Mais modestamente, na realidade dos migrantes e na pastoral que os acompanha, procuramos chamar a atenção para a emergência de alguns elementos dessa espiritualidade. Como pano de fundo temos presente o conceito de *possível* ou *potencial* elaborado por Lefebvre, o qual insiste sobre o fato de que a realidade se compõe de *uma relação dialética entre o atual e o virtual*.¹

¹ Cf. H. LEFEBVRE, *Critique de la vie quotidienne*. Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris, L'Arche, 1961, vol. 2, pp. 196-198.

CASA E PÁTRIA

Um olhar a vôo de pássaro pelo conjunto de salmos do Antigo Testamento e pela Primeira Carta de Pedro, para nos restringirmos a estes escritos, será suficiente para perceber a força e a importância da expressão *casa de Deus*. Começemos pela Carta de Pedro. Duas observações preliminares ajudam a identificar com maior precisão a realidade concreta de seus destinatários. Logo na abertura, a carta vai dirigida aos *estrangeiros dispersos* nas comunidades da Ásia Menor (1Pd 1,1). A condição de *estrangeiros* tem implicações diretas para o status de cidadania. Hoje, mais do que nunca, sabemos o que isso significa. A falta de documentos, a situação irregular, a clandestinidade acarretam as piores conseqüências para quem

enfrenta a luta pela sobrevivência. O fato de não serem considerados cidadãos fecha muitas portas.

Longe da própria terra, sem raízes, os migrantes acabam por cair na pobreza. O círculo vicioso é implacável: o fato de viverem como clandestinos impossibilita a inserção na sociedade; ficando do lado de fora, não há como arrumar trabalho; o resultado é o agravamento da pobreza que, por sua vez, os afasta cada vez mais de uma situação regular, reforçando a condição de estranhos. Numa palavra, ilegalidade, falta de cidadania digna e miséria constituem realidades convergentes. Em razão disso, sobra para os migrantes os serviços mais degradantes e mal remunerados.

Daí a sugestão do apóstolo: *Vocês chamam de Pai àquele que não faz distinção entre pessoas, mas que julga cada um segundo as próprias obras. Portanto, comportem-se com temor durante esse tempo em que se acham fora da pátria* (1Pd 1,17). O temor de Deus, entendido como confiança em Sua justiça e igualdade, deverá servir de consolo para os que perderam as raízes e referências. Consolo que, como veremos adiante, não se limita a cruzar os braços, mas que representa uma espécie de trampolim para a resistência e o enfrentamento dos problemas vividos.

A segunda observação sobre a realidade dos destinatários da Carta refere-se ao binômio *peregrinos e forasteiros* em 1Pd 2,11. Seguindo a interpretação de Paulo Nogueira, a palavra *peregrinos* — em grego: *paroikoi* — pode ser literalmente traduzida como estrangeiros residentes, e a palavra *forasteiros* — em grego: *parepidemoi* — identifica os estrangeiros que nem sequer tinham o direito de permanência no país. Eram, portanto, estranhos — em grego: *xenoi* — e por isso sem qualquer direito.

A eles o apóstolo dirige as seguintes palavras: *Amados, vocês são peregrinos e forasteiros. Por isso, recomendo que fiquem longe dos desejos baixos que provocam guerra contra vocês. Comportem-se de modo exemplar entre os pagãos, a fim de que eles, mesmo falando mal de vocês como se fossem malfeitores, ao verem as boas obras que vocês fazem, glorifiquem a Deus no dia do julgamento* (1Pd 2,11-12).²

A impressão é que os estrangeiros eram vistas como uma espécie de *bodes expiatórios, malfeitores* acusados de qualquer desordem social ou política que pudesse ocorrer. Era fácil jogar a culpa dos distúrbios sobre um grupo já de si hostilizado por todos. Mas a situação tornava-se pior ainda se este grupo usasse os *desejos baixos* contra seus próprios membros. Por isso a recomendação ao bom comportamento como forma de proteção, ou pelo menos como estratégia de não agravar a perseguição que pesava sobre eles.

² Cf. A. ANTONIAZZI, *A saída é... ficar*. O conflito dos cristãos com a sociedade segundo a primeira carta de Pedro. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 15 (1987); P. A. de SOUZA NOGUEIRA, *As Cartas de Pedro: O Evangelho dos sem-teto*. São Paulo, Paulus, 2002.

Convém não esquecer, ainda, que o conceito de estrangeiros sobre a terra nos remete à teologia do êxodo que transparece nos escritos do Antigo e do Novo Testamentos. O Povo de Israel como povo peregrino a caminho da Terra Prometida ou do Reino de Deus. Cabe aqui um lembrança à sabedoria da transitoriedade, como mística de um povo que faz de cada chegada uma nova partida. Os pés dos caminhantes aprendem uma lição de profunda espiritualidade: o caminho depura a bagagem e depura a alma. Leva a ater-se apenas ao essencial, a livrar-se de pesos inúteis, para que a caminhada se torne mais leve.

São várias as referências da Carta às perseguições sofridas, *enquanto estrangeiros e cristãos*. O apóstolo refere-se também à extensão das perseguições sobre os cristãos de outras localidades. Vale a pena tomar nas mãos o texto e conferir alguns exemplos. *E quem lhes fará mal, se vocês se empenham em fazer o bem? Se sofrem por causa da justiça, felizes de vocês! Não tenham medo deles, nem fiquem assustados. Ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor (3,13-15). Assim, quando vocês forem difamados em alguma coisa, aqueles que criticam o bom comportamento que vocês têm em Cristo ficarão confundidos. Pois, se é da vontade de Deus que vocês sofram, é melhor que seja por praticarem o bem, e não o mal (3,16-17). Amados, não fiquem alarmados com o incêndio que se espalha entre vocês para prová-los, como se estivessem acontecendo algo estranho no meio de vocês (4,12). Que ninguém de vocês sofra por ser assassino ou ladrão, malfeitor ou delator. Todavia, se alguém sofre como cristão, não se sinta envergonhado; ao contrário, glorifique a Deus por levar o nome de cristão (4,15-16).*

Por trás dessas palavras, transparecem calúnias, difamações, insultos, ameaças, críticas... enfim, um clima de tensão, discriminação e perseguição. Os romanos, os judeus e os vizinhos mantinham os cristãos estrangeiros sob suspeita constante. As hostilidades e conflitos multiplicavam-se no cristianismo primitivo, como atestam, aliás, outros estudos referentes ao contexto sociológico das cartas de Paulo e dos Atos dos Apóstolos. Sobre os cristãos e sobre os estrangeiros recaía a culpa de numerosos males e discórdias sociais. São conhecidas de todos as históricas perseguições dos soldados romanos, notadamente sob as ordens do imperador Nero.

À primeira vista, as recomendações do apóstolo parecem ambíguas, no sentido de levar ao conformismo e à passividade. Mas, no ambiente de perseguição em que as comunidades viviam, a Carta se propõe, antes de mais nada, a evitar maiores tempestades sobre os estrangeiros. Sendo estes as vítimas prediletas das hostilidades, o apóstolo preocupa-se com uma es-

tratégia de sobrevivência que os faça suportar o “mau tempo”. Em circunstâncias mais favoráveis, quem sabe, a estratégia poderia ser diferente. No momento, como logo veremos, resta pouco mais a fazer do que manter a fé e a esperança como fermento de resistência e de união.

A mesma condição de *bodes expiatórios* sofrem atualmente muitos migrantes, não apenas nos países centrais, mas também nos países periféricos e em todo o mundo. Se em tempos passados a sociedade estigmatizou e perseguiu as feiticeiras, as bruxas e os loucos, atualmente os migrantes se vêm discriminados em várias partes do Planeta. Num contexto internacional de globalização e de crise, *o outro, estrangeiro e diferente* converte-se em inimigo. A lógica neoliberal, por sua vez, favorece essa luta de todos contra todos, ao levar ao extremo a concorrência e a competição. O mercado total derruba todas as fronteiras para o capital, mas levanta novos muros, visíveis e invisíveis, para a circulação de pessoas.

Um dos resultados mais perversos dessa *seleção natural* na economia globalizada é a crescente criminalização dos estrangeiros imigrantes, seja como trabalhadores em disputa pelas poucas migalhas laborais, seja como cidadãos de direitos. Como residentes ilegais, tornam-se os alvos mais visados pela recente onda de combate ao terrorismo e ao narcotráfico, para citar apenas esses dois exemplos. Daí para ao preconceito, à discriminação e à perseguição aberta, basta um passo. Isso explica os recentes movimentos xenófobos em alguns países da Europa, mas também em cidades como São Paulo.

De um ponto de vista mais, poético, digamos, a casa é a *roupa da família*. Todo grupo que se ama — em especial a família — tem seus segredos e seus mistérios. Desenvolve uma intimidade única e inviolável. Para protegê-la dos olhares estranhos, faz-se necessário um abrigo, um lar, revestido de paredes, cortinas, janelas e teto. A nudez requer a proteção do amor e do carinho, e estes o abrigo de uma casa. Uma família sem casa é como um corpo sem roupa, exposto à curiosidade e à devastação dos transeuntes desconhecidos. Nada é mais corrosivo à intimidade do que escancará-la em praça pública. Como manter a dignidade humana em tais condições? A casa é o refúgio onde o amor pode criar raízes e se fortalecer.

Estudando as origens sociais do cristianismo primitivo, Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann³ chamam a atenção para a importância da instituição casa/família no nascimento e consolidação das comunidades cristãs. Seus comentários referem-se ao contexto social dos Atos dos Apóstolos e das cartas paulinas, mas, guardadas as diferenças, podem entender-se para o universo das cartas de Pedro.

³ Cf. E. W. STEGEMANN – STEGEMANN, W., *Historia social del cristianismo primitivo*. Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas en el mundo mediterráneo. Estella, Verbo Divino, 2001. As citações do texto têm tradução livre.

Afirmam esses autores que *a casa, a unidade sócio-econômica fundamental das sociedades antigas, tem uma importância fundamental tanto no contexto social das comunidades cristãs primitivas como no vocabulário neo-testamentário. Segundo eles, às metáforas da casa e da família correspondem também as exortações éticas do amor ao próximo e do amor fraterno. Estas inspiram-se, a seu modo, em antigas normas de reciprocidade, em que o amor fraterno representa um comportamento solidário no seio da família nuclear ou da parentela, e o amor ao próximo a reciprocidade equilibrada entre vizinhos e amigos... Também a hospitalidade é uma forma de solidariedade no contexto da reciprocidade equilibrada.*

Ainda de acordo com os Stegemann, *os que acreditavam em Cristo, comprometidos com a missão, encontravam nas casas dos companheiros de fé hospitalidade e, em caso necessário, também apoio econômico. As relações sociais entre os mesmos inspiravam-se na antiga solidariedade de vizinhança e de família. Assim, podemos afirmar com tranqüilidade que as comunidades cristãs, para a concepção que tinham de si mesmas e de suas relações sociais, inspiravam-se no modelo da casa antiga ou do núcleo familiar.*

É evidente que, ao contrário das comunidades paulinas e dos Atos dos Apóstolos, o contexto social das comunidades da carta de Pedro é muito mais tenso e hostil. Isso leva os cristãos a aplicarem à própria comunidade o conceito de *casa/família* enquanto referencial de segurança e apoio. Mais precisamente, conforme o comentário da Edição Pastoral da Bíblia, *Pedro escreve, mostrando que a união entre eles, seja na família, seja na comunidade, há de ser tão fraterna e acolhedora, que formem justos a 'casa de Deus'.*

⁴ Cf. J. H. ELIOT, *Um lar para quem não tem casa*. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. São Paulo, Paulus, 1985.

J. H. Eliot,⁴ por sua vez, também joga com as palavras gregas *paroikoi*, *parepidemoi* e *oikos*, respectivamente peregrinos, forasteiros e casa. A carta de Pedro, segundo ele, insiste em que a hospitalidade, o amor fraterno e a união entre os cristãos, estrangeiros e perseguidos, converter-se-á em *oikos* para os *paroikoi*, isto é, em casa para os que se encontram fora de casa e da pátria. Traços dessa identificação entre casa, comunidade e pátria encontram-se também na Carta aos Efésios: *Vocês, portanto, já não são estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus. Vocês pertencem ao edifício que tem como alicerce os apóstolos e profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal dessa construção. Em Cristo, toda construção se ergue, bem ajustada, para formar um templo santo no Senhor. Em Cristo, vocês também são integrados nessa construção, para se tornarem morada de Deus, por meio do Espírito (Ef. 2,19-22).*

A esta altura, não custaria muito retomar alguns salmos do Antigo Testamento e ver aí a simbologia e espiritualidade da noção de casa. Com frequência a poesia de tais orações alude à *casa ou tenda de Javé* como sinônimo de refúgio, abrigo, segurança, fortaleza, rocha. Diante das intempéries da caminhada, *uma só coisa peço a Javé e só esta procuro: é habitar na casa de Javé todos os dias de minha vida, para gozar a doçura de Javé e contemplar o seu templo*, diz o salmista (Sl 27).

Por que os israelitas sonhavam com a *casa de Javé*? Talvez que, sendo um povo peregrino, sempre a caminho, acabou desenvolvendo e nutrindo o sonho de estabilidade numa casa segura. Tal segurança é transferida para o sagrado e transparece na espiritualidade dos Salmos. A realidade dura do caminho e da tenda leva a sonhar com o abrigo da casa. Afinal, como bem sabemos, os sonhos costumam expressar nossas carências mais profundas. Ocorre o mesmo com os poetas e cantores do samba: experimentando a realidade difícil dos barracos *pendurados no morro*, cantam com frequência o tema da moradia.

Seja como for, o que queremos sublinhar é a conceito de casa enquanto fortaleza. Lugar sólido onde podemos nos abrigar para recuperar as forças. Quem caminha, precisa de um ponto de chegada, ainda que este se transforme em novo ponto de partida. Casa ou tenda, o peregrino necessita descansar, se quiser continuar a caminhada. A casa representa a certeza do pão sobre a mesa, dos amigos ao redor dela e do calor humano. Ou seja, a certeza de que, refeitas as energias, o caminho pode ser retomado.

Nesta perspectiva, casa tem sinônimo de pátria, lugar da cidadania plena. Esta noção casa/pátria, no universo das migrações, contém um risco e uma potencialidade: risco de transferir para o além, para o depois ou para o acima, isto é, para o céu ou para a outra vida, essa realidade de pão e segurança, justiça e paz. Quanto à potencialidade, o desafio é iniciar desde agora a construção dessa casa com sabor de pátria, ou seja, começar a construir o céu na terra, através de iniciativas de transformação social. O Reino de Deus começa aqui e agora, *já está entre nós!*

CAMINHO E POÇO

Caminho é lugar de surpresas. A cada curva podem surgir imprevistos. O caminhante tem necessidade de permanecer aberto às novidades que se deparam. Daí que o caminho faz o caminhante e o caminhante faz o caminho. Caminho e caminhante se fazem e refazem nos embates da caminhada.

Não há caminhos prontos. Cada vereda tem que ser aberta como uma trilha na mata cerrada. Não há receitas para a caminhada. Cada passo é sempre novo e, ao mesmo tempo, traz a memória do passo anterior. O caminheiro não pode seguir os rastros de outro, nem tampouco deixa rastros atrás de si, mas a sabedoria da estrada é transmitida pelos pés de quem caminha. As tempestades apagam as marcas deixadas pelos peregrinos de ontem, mas não podem apagar suas lutas e esperanças. O vento desfaz as pegadas, apaga o rumo da trajetória, mas leva em suas asas a experiência dos que não se deixam estacionar. Apesar disso, é preciso, hoje e a cada dia, reinventar o horizonte.

Caminho é transição provisória, mas pode ser longo, íngreme e penoso. Daí a necessidade de ater-se apenas ao essencial. O caminho depura a mochila e depura igualmente a alma do caminheiro. Este, passo a passo, aprende a desfazer-se de pesados fardos. Eis a grande lição do caminho: discernir entre o indispensável e o secundário, deixar de lado as muitas pedras de pouco valor, e levar somente a pérola mais valiosa. O caminhar alivia a bagagem e alivia o coração de quem enfrenta a estrada. A transitoriedade e a provisoriedade do caminho ensina a fixar o olhar no horizonte. A caminhada ensina a deixar para trás coisas e medos e aferrar-se à meta principal.

Quem pouco caminha, tende a recolher objetos pela estrada. Quem muito caminha, tende a despojar-se deles. O importante é deixar mais leve a carga para avançar mais depressa. A caminhada, quando árdua e prolongada, conduz a um progressivo despojamento. Despojar-se para permitir mais agilidade aos pés e ao espírito. O despojamento tem relação direta com a distância a ser percorrida e com o número de partidas a serem enfrentadas.

De migração em migração, o caminheiro torna seu andar menos pesado. Ao invés de acumular preocupações e problemas, tende a desfrutar a paisagem que passa e a orientar o pensamento para o horizonte distante. Mas há também o perigo do saudosismo, da volta ao passado. A caminhada do Povo de Israel pelo deserto por vezes leva à tentativa de regressar às *cebolas do Egito*; em outras ocasiões, impulsiona para a conquista da Terra Prometida. A situação difícil dos migrantes, em sua luta diária pela sobrevivência, também pode fazê-los prender-se ao *aquí e agora* ou, pior ainda, a um passado de submissão. Fica difícil avançar em busca de novas alternativas para uma sociedade renovada. Como conciliar a luta pelo pão e a conquista de um novo chão?

Caminhar é lembrar e é sonhar, é memória e é imaginação. No caminho e a caminho, é possível resgatar as lições

dos passos já feitos e, ao mesmo tempo, afiar os instrumentos para a realização de uma utopia sempre renovada. A caminhada ajuda a acertar a pontaria em direção à meta escolhida. Estudando o passado e lutando pela construção do futuro, o presente ganha um novo dinamismo. O caminho é o espaço onde passado e futuro se encontram na vivência profunda do presente. O resgate histórico-cultural constitui, no caminho, o ponto de intersecção entre a experiência vivida e os projetos sonhados.

Todo caminho é ponto de chegada e ponto de partida. Infelizes dos que já chegaram e estacionaram, infelizes dos que têm medo de partir. Felizes dos que estão a caminho. Cada passo prolonga o anterior e exige o próximo. A cadeia não pode romper-se. Cada chegada requer nova partida. Caminho é passagem. Lembra a experiência de homens e mulheres em sua existência terrena. Existência de passagem em busca da pátria definitiva. Desde que essa busca não impeça de lutar por uma vida justa e digna durante o tempo da passagem. O caminho não pode ser relativizado a um segundo plano, em favor do absoluto. Tampouco este, pode ser esquecido pelas ocupações do caminho. Caminho e pátria definitiva mantêm uma relação dialética e interconectada, em que um interpela o outro. Ambos se enriquecem reciprocamente. Não podemos cair numa postura espiritualizante, onde o olhar para o céu faz esquecer o esforço de construir a justiça na terra. Como bem lembrou Jesus Cristo, o Reino de Deus começa aqui e agora.

Quatro lições nos proporciona o caminho. A primeira é que ele depura a bagagem. O caminhante aprende a desfazer-se daquilo que é supérfluo e ater-se ao essencial. Quando preparamos uma viagem, a tendência é carregar muitas coisas. Queremos levar tudo o que as forças comportam, como se fosse de importância vital para a sobrevivência. À medida que a viagem se prolonga, a bagagem dobra de peso. Aprendemos a deixar de lado as coisas que podem ser dispensadas. Terminamos por guardar somente o que é absolutamente necessário.

Em segundo lugar, o caminho depura a alma. Na trajetória, somos tentados a nos apegar a algumas verdades e absolutizá-las como eternas. Depois, damos-nos conta que, mudando de contexto histórico e social, elas vão se tornando rígidas e anacrônicas, como ossadas sem vida. O caminho se encarrega de modificar o modo de pensar, instala dúvidas onde havia certezas, levanta novas interrogações e novos horizontes. Os passos e fatos do passado são sempre relidos e re-interpretados. Velhas ideologias são abandonadas, como carcaças descartáveis. Caminhar é resgatar os valores de ontem, sem dúvida, mas recriando-os e adaptando-os aos desafios de hoje. A cada cur-

va da estrada, deparamo-nos com situações novas que requerem respostas igualmente novas.

A terceira lição é que o caminho transforma a casa em lugar de acolhida. Quando fechada, a casa vira fortaleza, onde nos tornamos prisioneiros. A fortaleza exige sistemas de segurança cada vez mais sofisticados. O resultado é o isolamento de uns e a exclusão da grande maioria. Erguem-se muros e cercas entre os de *fora* e os de *dentro*. Criam-se barreiras ao estrangeiro e ao diferente. Quem caminha não costuma erguer fortalezas, mas casas de acolhida. Estas permanecem abertas aos peregrinos. Não há obstáculos para o caminheiro que aí precisa descansar. A casa acolhe o peregrino, refaz suas forças e o estimula a retomar a caminhada. Enquanto a fortaleza convida a instalar-se comodamente, a casa mantém os pés na estrada. Todos somos peregrinos na terra a caminho da pátria definitiva. As casas ou serão tendas prontas a serem desarmadas a qualquer momento, ou serão prisões e túmulos. Os migrantes nos ensinam que somos um povo a caminho: o chão que pisamos é provisório, lugar de transição; o importante é manter o olhar voltado para a meta.

A quarta lição, por fim, é que o caminho ensina a repartir o pão. É natural que, em termos de alimentação, uns viajantes estejam preparados e outros desprevenidos. Mas o cansaço do caminho tende a irmanar e nivelar os caminhantes. As mochilas se abrem e o pão torna-se comum. Todos colocam tudo sobre a mesa. O caminho torna mais viva a solidariedade, cria a possibilidade da eucaristia, a qual, por sua vez, nos devolve revigorados à estrada.

As quatro lições nos ajudam a pensar na construção coletiva de um mundo novo. Depurar a bagagem e a alma é viver em sua profundidade a pobreza evangélica. Não miséria e exclusão social, de um lado, riqueza e ostentação, de outro. Mas o uso justo e correto dos bens que Deus nos deixou. A pergunta de fundo é como utilizar os recursos naturais de maneira frugal, parcimoniosa e responsável, para que todos os filhos e filhas possam ter acesso à herança do Pai. Acumular o desnecessário é privar outros do necessário, insistiam os Santos Padres da Igreja. Fazer da casa um lugar de acolhida e repartir o pão, é cultivar a hospitalidade. Manter mesa e teto abertos aos pobres, de maneira especial aos que percorrem as estradas, sem pátria, sem terra e sem raízes.

O migrante ensina a lição da frugalidade, seguindo não a filosofia do neoliberalismo, que cria simultaneamente o acúmulo e a miséria, mas a idéia de uma distribuição equitativa dos dons que Deus colocou à disposição de todos. Adaptando essa lição ao usufruto das reservas hídricas do planeta,

por exemplo, se estas forem devidamente preservadas e repartidas por toda a população do mundo, não haverá escassez. O problema é que os conglomerados multinacionais têm sede não de água, mas de lucros. Fazem dos recursos da natureza e das forças humanas verdadeiras fontes de riqueza. Tudo acaba por se transformar em mercadoria de exploração.

O caminhante, ao contrário, tomado pela sede, vê no poço, na fonte ou no riacho à beira da estrada uma dádiva do céu. A necessidade o ensina a beber o necessário e preservar o restante para os demais peregrinos que virão atrás. Como ele, também estamos a caminho, e também somos convidados a usar a água de que precisamos e a cuidar das fontes e mananciais. Só assim ela pode beneficiar a todos e chegar com garantia às gerações futuras.

Vale lembrar a leitura do texto de Gênesis 9,12-17, em que a aliança de Deus com seu povo, simbolizada no arco-íris, é feita não apenas com os homens e mulheres, mas com *todos os seres vivos* e com *todas as gerações futuras*. O projeto do Deus de Israel não só preserva todas as formas de vida — a biodiversidade — mas está atento à continuidade da vida sobre o planeta.

Quem caminha sente sede. A sede leva ao poço. Poço é encontro. O caminho dos migrantes é pontilhado de pontos de encontro. Caminhos que se cruzam e recruzam com momentos de convivência, redes de solidariedade, espaços de intercâmbio. São pequenos poços em que sede e água se encontram e se alternam. E vem a grande descoberta: ninguém é só sede, ninguém é só água; ninguém é sede o tempo todo, ninguém é água o tempo todo; somos todos uma mistura de água e sede. Todos constituímos um misto de carência e ajuda, limites e contribuições, sonhos e pesadelos, problemas e soluções. Daí a necessidade do poço, do encontro. Só assim podemos desnudar nossa sede e oferecer de nossa água, enriquecer-nos mutuamente, somar esforços conjuntos na busca de novas realizações.

O poço revela uma nova concepção de evangelização. Esta jamais tem mão única. Evangelho não se leva, se vive. O processo real de evangelização constitui muito mais uma descoberta do que um ato de semear. Na verdade, como lembra o ensino social da Igreja, as sementes do verbo já estão presentes no coração de cada ser humano e no coração de cada cultura. Evangelizar é desvendar tais mistérios, trazê-los à tona, torná-los públicos e conhecidos. Se olharmos a prática de Jesus, constatamos como Ele se surpreende a cada passo com a fé do povo simples, dos pequeninos *a quem o Pai revela essas coisas*, isto é, os segredos mais ocultos. Mais do que semear, quase se poderia dizer que Jesus *colhe* o Evangelho e se deixa surpreen-

der positivamente pelas descobertas que vai fazendo pelo caminho. Basta abrir poços, provocar encontros, ainda que, em grande parte, se trate de encontros proibidos.

É o caso, por exemplo, da samaritana na beira do poço (Jo 4). *Mulher dá-me de beber*, diz o Mestre. Um Deus feito homem que não tem medo de revelar sua sede a uma mulher, uma estrangeira e uma pecadora — num encontro três vezes proibido. Dessa revelação, nasce o diálogo. O poço é o lugar privilegiado da evangelização. É o encontro que desencadeia o processo de evangelização. A verdade não está de um lado nem de outro, mas na busca dialógica; não está comigo nem com você, mas na abertura que temos um para com o outro; não está aqui nem ali, mas na ponte que estendemos entre nós. O real não está no começo nem no fim do caminho, mas, como dizia o poeta Guimarães Rosa, encontra-se no meio da própria travessia.⁵

⁵ Cf. J. G. ROSA, *Grande Sertão, Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1955], 1986.

Parafraseando Paulo Freire, podemos afirmar que ninguém evangeliza ninguém, ninguém se evangeliza sozinho. A evangelização é um processo recíproco de abertura e crescimento. É o poço, o encontro, que abre essa possibilidade. Nesse processo, riscos e potencialidades coexistem lado a lado. A pretensão de *levar a verdade* constitui um grande risco, ao mesmo tempo que impede de antemão qualquer diálogo. Gera arrogância e prepotência. O importante é promover momentos em que o outro, o estranho, o diferente, o pobre, o migrante possa manifestar suas expressões culturais e religiosas. A partir daí, como diz o salmo, *jorrarão rios de água viva!* No encontro, abrem-se imprevisíveis potencialidades de uma nova evangelização, *nova em seus conteúdos e em seus métodos*,⁶ como dizia João Paulo II. A verdadeira evangelização, aliás, começa com um profundo ato de humildade, em que cada um revela sua própria sede. A partir daí, estabelece-se uma confiança mútua e, então sim, começam a surgir os sinais da fonte.

⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia in América: Exortação apostólica post-sinodal*, 1999.

Aquele que pretende ter apenas água pode estar escondendo uma sede profunda e inconfessada. Inversamente, aquele que diz ter apenas sede, pode estar aberto à revelação de Deus em sua vida. É o caso do publicano e do fariseu que foram rezar no templo. Quem se achava repleto de água, estava contaminado pelo pecado; e quem se confessou pecador, encontrou graça diante de Deus, fonte última e inesgotável da água viva! O mal da Igreja é que tem imensa dificuldade de revelar sua sede, o que muitas vezes corta pela raiz o diálogo com outros caminhos religiosos e com outras culturas.

O migrante, em seu caminhar sem fim, vai abrindo poços. Ali ensina e aprende velhas e novas lições. Seus encontros, na medida em que se convertem em espaços de intercâmbio, enri-

quecem quem parte, quem fica e quem está em trânsito. Enriquecem igualmente os agentes e lideranças que com ele trabalham, desde que permaneçam abertos à troca entre sede e água.

DEUSES E DEMÔNIOS

De um ponto de vista cultural e religioso, os migrantes, ao deixarem a terra em que nasceram e sepultaram seus mortos, costumam levar consigo a memória e os deuses de seus antepassados, com os respectivos ritos, festas e devoções. O risco é de que esse patrimônio cultural de séculos, ao ser transplantado, possa muitas vezes cristalizar-se, gerando uma espécie de cimento ideológico e dogmático para o isolamento e a formação de guetos. Não é incomum encontrar comunidades de imigrantes em que os cultos religiosos preservam rigorosamente as tradições e as expressões mais antigas e genuínas. Exemplo disso são as colônias de alemães, poloneses e italianos nos estados do sul brasileiro, em que a própria língua se mantém impermeável ao novo contexto social.

Aqueles que permaneceram nos lugares de origem, sem serem afetados pelo processo migratório, ao contrário, mostram-se em geral bem mais flexíveis ao fluxo histórico das modificações que se verificam ao redor. Caberia aqui refletir mais longamente, com Sayad, sobre o conceito de *nostalgia da casa natal*, ou de *casa dos antepassados*.⁷ Enfim, em determinadas circunstâncias, as expressões culturais e religiosas acabam funcionando como fatores de intransigência diante de qualquer tipo de mudança, o que pode conduzir ao perigo de um saudosismo estéril, ineficaz e ainda por cima hostil.

Duas razões explicam, a meu ver, esse risco de cristalização cultural. De um lado, com as raízes arrancadas do solo em que germinaram e cresceram, as tradições religiosas deixam de seguir o movimento natural da evolução orgânica. Não mais se nutrem do húmus do seu contexto histórico. Expostas ao sol, as raízes ou definham e morrem, ou estacionam num determinado estágio, permanecendo como fósseis. De outro lado, não raro a doutrina, os ritos e a prática religiosa tradicional serve de instrumento para garantir a coesão interna do grupo e, ao mesmo tempo, protegê-lo das ameaças externas. Levada ao extremo, a necessidade de coesão ou proteção pode explicar o *gueto*, o isolamento total. Neste caso, os deuses tendem a converter-se em verdadeiros demônios, gerando atitudes fundamentalistas ou sectárias. De ambos os lados, a tentação é fechar-se nas casas e templos, com as portas e janelas hermeticamente cerradas, sem qualquer possibilidade de encontro. Ao

⁷ Cf. A. SAYAD, O retorno, elemento constitutivo do imigrante. Em *TRAVESSIA*, 13 (2000).

isolamento em guetos, contrapõe-se com freqüência uma postura desconfiada e xenófoba por parte da comunidade autóctone, aprofundando-se o abismo entre a população local e os estrangeiros. A intolerância passa a ser a regra, podendo descambar para a violência e para perseguição aberta.

Mas quando, por um lado, as mesmas raízes são replantadas em um solo diferente e conseguem nutrir-se com os novos ingredientes culturais à disposição, e, por outro lado, a comunidade local permanece receptiva aos valores de quem chega, então sim, abre-se um caminho cheio de potencialidades, que pode conduzir a um enriquecimento crescente e recíproco. Abrem-se novas e ricas potencialidades de evangelização. Nos dias atuais, em que o mundo mais parece um imenso mosaico de cores, bandeiras, raças, costumes e línguas diferentes, ganha terreno o pluralismo étnico, cultural e religioso. Por isso, a atitude de abertura e diálogo torna-se vital para um intercâmbio intercultural efetivamente fecundo e sadio. *Aqui não basta a tolerância* — como bem lembra a Instrução *Erga Migrantes Caritas Christi*, do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes — *é necessário simpatia e respeito, naquilo que é possível, da identidade cultural dos interlocutores*. Daí a insistência do documento em expressões como *diálogo profundo, compreensão e confiança, empenho de fraternidade, solidariedade, serviço e justiça*.⁸ O desafio neste caso é avançar de um mero multi-culturalismo para o interculturalismo, isto é, da convivência pacífica entre as diferentes culturas para um intercâmbio difícil, sem dúvida, mas mutuamente enriquecedor.

Outro risco, porém, espreita a convivência entre imigrantes e as comunidades dos países de destino. Risco que se evidencia quando os deuses de um ou de ambos os lados transformam-se em seres etéreos, voláteis, como anjos alados pairando nas nuvens, acima ou além das aflições e esperanças humanas. Aqui o perigo é cair num espiritualismo privatizado, intimista e inócuo, o qual costuma engendrar mentalidades mórbidas e doentias, avessas a qualquer contato e a qualquer mudança. Deuses que só têm asas não conhecem os caminhos por onde os migrantes lutam, sofrem e esperam. Semelhante conhecimento requer a sabedoria das árvores, as quais, antes de se projetar em direção ao céu, têm suas raízes bem fincados no chão. Somente desse modo podem ao mesmo tempo proteger-se do vento e produzir frutos. Aliás, para voar com segurança não bastam asas, é preciso ter pés.

Será potencialmente diferente se os mesmos deuses tiverem coragem de descer aos porões da sociedade, dispondo-se a conhecer de perto os *infernos* do sofrimento humano em seus

⁸ Cf. PCPMI, *Erga Migrantes Caritas Christi*. São Paulo, Paulinas, 2004.

mais variados matizes. Fixando o olhar divino-humano no rosto desfigurado do povo migrante, poderão mais facilmente encarar de frente os pesadelos e sonhos humano-divinos de quem se encontra a caminho. Tais deuses ao passarem pela Paixão e pela Cruz, estarão mais perto da Ressurreição, isto é, da construção coletiva de uma sociedade justa, solidária e fraterna — na certeza de que *outro mundo é possível*. Também neste caso, o intercâmbio abre espaço para um processo de inculturação e, com ela, uma via potencial para um mútuo crescimento.

MUSEU E FRONTEIRA

Tomo emprestado de Boaventura Santos⁹ o conceito de *fronteira*, adaptando-o livremente à nossa reflexão, como outra chave de leitura. O migrante é aquele que habita o espaço indefinido da fronteira. Ali, ele não é mais cidadão do país de origem e ainda não é cidadão do país de destino. Neste caso, o termo *fronteira* é entendido não tanto em termos geográficos, mas em termos simbólicos, culturais e até psíquicos. Uma espécie de não lugar, onde mora um não cidadão, que muitas vezes se encontra temporariamente sem documentos. Por isso mesmo, vê sua identidade ameaçada, questionada, fragmentada. No extremo, também sua fé se vê abalada. Bastaria ter presente, aqui, os rostos dos refugiados, expatriados, exilados, *desplazados*, imigrantes clandestinos, migrantes temporários, trabalhadores do mar, marítimos, entre outros.

A partir desse não-lugar, o migrante é levado a interrogar a Deus e a interrogar o próprio destino. As certezas e referências se desfazem. Como se as estrelas se apagassem no céu e os marcos desaparecessem da estrada. Dúvida, medo e insegurança passam a habitar o coração e a alma. O perigo da solidão, da anomia e do desespero ronda a porta. De acordo com Boaventura Santos, é aí que o migrante vai lançar mão, simultaneamente, de sua herança cultural e da invenção de novas formas de sociabilidade.

De fato, saindo dos países mais pobres em direção aos países centrais, ou das regiões subdesenvolvidas para as regiões mais ricas, o migrante é a expressão viva do divórcio atual entre o trabalhador e o cidadão. Os governos dos países receptores querem trabalhadores para os serviços mais sujos, pesados e mal-pagos, mas não abrem oportunidades para novos cidadãos. De forma contraditória e hipócrita, o sujeito é recebido enquanto trabalhador, mas recusado enquanto cidadão. A porta dos fundos se abre clandestinamente, mas a porta da frente, da legalidade, permanece fechada. Daí o número cres-

⁹ Cf. B. S. SANTOS, *Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência*. São Paulo, Cortez, 2000, pp. 347-356.

cente de imigrantes irregulares em vários países de todo o mundo, utilizados como mão-de-obra fácil e barata.

Esse espaço ambíguo da fronteira — esse não-lugar — é ao mesmo tempo cheio de riscos e de novas potencialidades. Se, por um lado, revela o migrante como vítima da ordem mundial vigente, por outro, também o revela como protagonista de um novo tempo. De fato, a experiência de passar pela fronteira abre perspectivas para buscar uma nova cidadania. Ou seja, o *não-lugar* torna-se o *melhor-lugar* para refletir sobre um *novo-lugar*. Potencialmente, o terreno ambíguo da fronteira torna-se o lugar ideal e privilegiado, para criar as raízes de uma nova noção de pátria, um terreno fértil para cultivar o conceito de cidadania universal e sem fronteiras. A partir da experiência dolorosa de estar fora da casa e da pátria, engendra-se o anseio por uma casa universal, desvinculada das categorias estreitas de estado-nação, língua, raça, etnia. O nacionalismo mórbido tende a ser substituído por um universalismo plural e saudável. As fronteiras tendem a ser rompidas e superadas, em favor de um intercâmbio enriquecedor. Dom João Batista Scalabrini,¹⁰ considerado o *apóstolo dos migrantes*, já sonhava com tal cidadania global ao afirmar que *para o migrante a pátria é a terra que lhe dá o pão*.

¹⁰ Bispo de Piacenza, norte da Itália, Fundador da Congregação dos Missionários de São Carlos, cujo carisma é trabalhar pelos migrantes e refugiados.

Numa palavra, o migrante habita a fronteira de dois mundos ou duas civilizações: de um lado, uma ordem mundial simultaneamente concentradora e excludente, de outro, o sonho de um outro mundo possível. O próprio ato de migrar é, ao mesmo tempo, denúncia e anúncio, num tempo marcado por profundas assimetrias sócio-econômicas. Denúncia da falta de condições reais para sobreviver em sua terra natal e anúncio de que mudanças substanciais se fazem necessárias e urgentes.

Os migrantes, ao experimentarem no corpo e na alma profundas carências, são portadores dessa nova utopia mundial. A caminho, eles nos chamam também a caminhar, na construção de um novo mundo de justiça e solidariedade. Tornam-se, a um só tempo, sinais das contradições da globalização neoliberal e porta-vozes de uma nova ordem mundial. O solo escorregadio da fronteira gera a atitude ambígua da experiência migratória. Nesse não-lugar, o migrante se depara frente a uma encruzilhada: entregar-se ao desespero ou abrir novos caminhos. O *não-lugar*, embora indefinido e cheio de riscos, torna-se fecundo de potencialidades, com vistas a uma nova reflexão sobre a própria existência, sobre a fé em Deus e sobre a prática solidária para com os irmãos e irmãs.

Diz Lefebvre que *é pela necessidade e pelo conhecimento da carência, o homem e sua consciência, embora com saudades e lamentações, saem da natureza, da infância, da fantasia mági-*

ca. É pela privação que a consciência se descobre lançada na vida e no mundo, obrigada a criar seu mundo numa distância em relação ao ser que lhe é inicialmente dado (natural), e em relação a si mesmo. Vê-se forçada a recriar e superar esta distância. O deslumbramento divino dos olhos que se abrem ao mundo e a maravilha dos primeiros sorrisos não bastam. É preciso ao homem provar a carência de trabalhar e criar. Sem haver provado a necessidade e a carência, sem a privação e o desnudamento vividos ou possíveis de serem vividos, não há emergência do ser-consciência, não há o surgimento da liberdade. O ser permanece prisioneiro de sua pátria natal, a 'natureza' e a inconsciência. É na e pela necessidade que a liberdade nasce e encontra ocasião de ser exercida, ao descobrir a brecha que, no real, lhe permite penetrar esta dura realidade e a modificar. É enfim, a partir da necessidade como falta que o homem explora um mundo de possibilidades, cria-as, escolhe entre elas e as realiza. Ele se torna historicidade. Sua consciência não pode se fechar. As consciências individuais se abrem sobre as consciências sociais e, inversamente, a multiplicidade das consciências humanas se abre sobre o mundo.¹¹

Convém não esquecer, aliás, que o próprio Jesus nasceu e morreu fora dos muros da cidade, respectivamente numa gruta e no calvário das execuções. De um lado, diz o relato evangélico, *Maria deu à luz o seu filho primogênito e o deitou numa manjedoura, pois não havia lugar para eles na pousada* (Lc 2,5-7). De outro, ao ser crucificado, o levam para *fora das portas da cidade* (Hbr 13,11-12) A família de Nazaré passou diversas vezes pela experiência da migração. Na trajetória que vai do berço-manjedoura à Cruz e desta à Ressurreição, a mensagem da Boa Nova do Evangelho mergulha suas raízes no terreno simultaneamente movediço e fértil do não-lugar. Numa palavra, até mesmo do ponto de vista teológico, a fronteira é um lugar fecundo para deitar os alicerces do Reino de Deus.

Mas numa tentativa de retorno às fontes de água viva, com vistas a resgatar os elementos de espiritualidade no universo das migrações, a tentação de parar no museu constitui um grande risco. É o que vemos às vezes nos movimentos que, consciente ou inconscientemente, pregam a volta da cristandade. Neste caso, retornar às fontes significa o resgate da solenidade, da pompa, do poder e do triunfalismo dos tempos em que a Igreja se confundia com as classes dominantes. Para termos força de avançar em direção à fronteira, há que recuar um pouco mais. É preciso retroceder até as primeiras comunidades cristãs e à prática do Jesus histórico. É preciso conhecer a Ressurreição, mas também a Cruz. Só assim, poderemos avançar em direção ao pobre e ao desafio de construir uma nova sociedade.

¹¹ Cf. H. LEFEBVRE, *Critique de la vie quotidienne*, op. cit., pp. 11-12.

Neste caso, a visita ao museu se complementa com um passo adiante, em direção à fronteira. Visitar o museu não é somente contemplar os feitos do passado, mas sobretudo identificar, nos símbolos ali expostos, o espírito que animou tais feitos. Visitamos o museu não para repetir o que faziam nossos antepassados, mas para conhecer a força e a espiritualidade que os nutria. Seguir não é imitar, pois a história muda constantemente. Seguir é recriar o espírito dos fundadores diante dos desafios que nos coloca hoje o contexto histórico. Numa palavra, visitamos o museu com a intenção de recuperar as energias para voltar à fronteira com força redobrada.

CONCLUSÃO

Utilizamos mais uma vez as palavras de Lefebvre para colocar um ponto final em nossa reflexão: *As questões mistas, os acontecimentos marginais, os fatos em contradição aparente ou real, os conceitos laterais, são os mais reveladores e os mais fecundos. As tensões são fecundas, estéreis são as sujeições.*¹² De fato, uma sociedade fechada, cristalizada, petrificada torna-se impermeável ao espírito de Deus. A espiritualidade somente será fértil quando se insinuar através das brechas e das fissuras da auto-suficiência humana. O movimento dos migrantes, por si só, expõe as incongruências e as tensões de uma determinada ordem social, ao mesmo tempo que cobram transformações profundas. As migrações constituem uma espécie de paisagem vulcânica, em que as correntes subterrâneas pressionam por vir à superfície. O espírito de Deus se faz presente quando abrimos espaço e nos deixamos interpelar por essas vozes que brotam, por um lado, do mais íntimo de nós mesmos, e, por outro, a exemplo do som dos tambores e atabaques, tanto do ventre da terra e da natureza quanto das contradições da história. Na encruzilhada entre os riscos e as potencialidades da práxis humana, forjam-se caminhos novos em direção à utopia do Reino.

¹² Cf. H. LEFEBVRE, *Critique de la vie quotidienne*, op. cit., pp. 275-276.

REVISTA ESPAÇOS

Estamos enviando-lhe o número 14/1 de nossa revista. Esperamos continuar a ser úteis.

Para algumas comunidades e seminários mais pobres mandamos nossa revista gratuitamente. Outros tiveram a gentileza de mandar a colaboração que lhes pedíamos pelo serviço que estávamos prestando. Queremos agradecer aos que pagam suas assinaturas e nos permitem de continuar trabalhando. Mas gostaríamos de receber a participação de todos. Nossos recursos para mandar alguns números gratuitos estão perto do limite. Em breve estaremos restringindo nosso envio para aqueles que pagam sua assinatura. Experimente pagar já neste ano se você não pagou no ano passado. Acho que nossa revista merece.

A Redação.

ASSINATURAS

Para o Brasil e América Latina: 15 U\$A ou valor correspondente em real.
Para outros países: 25 U\$A

Envie: cheque cruzado pagável em São Paulo em nome de:
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

ou, se preferir:

Deposite em nome do
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES
Banco Bradesco, Ag. 2720-0, c/c 4950-6, e
mande carta com o comprovante e explicando o destino de seu pagamento.